

## **DESLOCAÇÃO DE DOENTES**

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

No ano 2000, a Organização Mundial de Saúde, ao publicar o relatório sobre a Saúde Mundial, possibilitou pela primeira vez a comparação dos sistemas de saúde de 191 países membros daquela Organização.

Este relatório examinou todos os países, segundo grandes áreas, designadamente o nível de saúde global da população, a distribuição da saúde entre os habitantes, a capacidade de resposta do sistema de saúde, a sua repartição conforme o nível económico dos cidadãos, bem como a distribuição do custo de saúde entre os mesmos.

Apesar das críticas feitas ao referido estudo, Portugal ficou classificado em 12º lugar no ranking global do desempenho dos sistemas de saúde, à frente de países como a Grã-Bretanha, Alemanha, Canadá e Estados Unidos da América.

Todavia, esta posição não esconde que Portugal continua, devido a vários factores, muito aquém no desempenho em relação à equidade, eficiência, responsabilização e capacidade de resposta na área da saúde.

Os factores que levam o nosso País a esta situação são muitos e de difícil resolução.

Se tivermos em conta o conceito alargado de saúde atribuído pela O.M.S., considerado como o bem-estar físico, psicológico e social incluindo ainda a prevenção e a educação, podemos concluir que o direito a este bem essencial, fez surgir uma nova preocupação, a de garantir uma prestação de serviços com qualidade.

Conscientes de que a saúde é um bem inestimável, profissionais, gestores e políticos têm como principal preocupação a satisfação dos utentes dos serviços de saúde e o conhecimento das suas necessidades, verificando-se, assim, nas últimas décadas, um pouco por todo o mundo, um rápido e significativo aumento de gastos em matéria de saúde.

Portugal não foge à regra e situação idêntica acontece também nos Açores, com agravamento dos custos devido à dispersão das Ilhas, ao afastamento das unidades hospitalares, bem como à falta de alguns meios de diagnóstico e especialistas nas unidades de saúde locais.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

As estatísticas regionais, elaboradas pela Secretaria Regional dos Assuntos Sociais, evidenciam bem a problemática da necessidade da deslocação dos doentes da Região: quer de umas Ilhas para as outras, quer para o Continente, salientando-se também o esforço que o Governo Regional tem vindo a fazer no sentido de atenuar alguns dos referidos problemas.

Analisados os últimos 5 anos, aquelas estatísticas revelam-nos o seguinte:

O total do número de doentes deslocados em toda a Região foi de: 25 478. Para o Continente seguiram 20 210 (79,3%), distribuídos da seguinte forma: 17 253 para Lisboa, 1 800 para Coimbra e 1 157 para o Porto.

No interior da Região deslocaram-se 5 251 doentes (20,6%) e para o Estrangeiro apenas 21 (0,1%)

Do total de doentes verificámos que 20 516 (80,5%) foram acompanhados por familiares e 615 por técnicos. No entanto, sem qualquer tipo de acompanhamento, seguiram 4 347 doentes (17%) (Ver quadro. 1)

Entrando mais em pormenor, ou seja no encaminhamento feito por cada um dos Hospitais Regionais verificamos o seguinte:

Do Hospital da Horta saíram 8 139 doentes, dos quais 3 969 (48,7%) para o Continente e 4 170 (51,3%) para hospitais da Região. Foram acompanhados pela família 6 032 (74%), por um técnico 89 e sem qualquer tipo de acompanhamento 2 018 (24,7%) (Ver quadro 1.2)

Vejamos agora a situação do Hospital de Angra do Heroísmo:

Ao todo deslocaram-se 7 127 doentes, dos quais 6 043 (84,7%) para o Continente, 1 067 (14,9%) foram tratados noutros Hospitais da Região. Para o Estrangeiro deslocaram-se 17 doentes (0,2%).

Do total dos doentes saídos 5 998 (84,1%) foram acompanhados pela família e apenas 10 doentes, por técnicos. Sem nenhum acompanhante 1 119 doentes (15,7%) (Ver quadro 1.1)

Finalmente tenhamos em conta a situação do maior Hospital, ou seja, o de Ponta Delgada:

O total de doentes deslocados foi de 10 212. Para o Continente 10 198 (99,8%), na Região apenas 10 (0,2%) e ainda para o Estrangeiro só 4.

Foram acompanhados pela família 8 846 (86,6%), por técnicos 516 e sem acompanhante 1 210 (11,8%), doentes (quadro 1.3).

Comparando os resultados dos três hospitais, verifica-se que a maioria dos doentes deslocados foram encaminhados para unidades de saúde do Continente (80,1%), e dentro da Região apenas 19,7%. O Hospital da Horta, em termos percentuais, foi o que encaminhou maior número de doentes dentro da Região, enquanto que o de Ponta Delgada mostra um número insignificante de recorrência aos outros dois hospitais da Região.

As especialidades a que mais se recorreu fora da Região, foram: entre 1 700 e 1 000, doentes, temos em primeiro lugar, a especialidade de cardiologia, depois oftalmologia e por fim oncologia, seguindo-se as especialidades de ortopedia, nefrologia, ortodôncia, etc. abaixo dos 1 000 doentes.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

Um factor importante relacionado com esta temática tem a ver com os subsídios atribuídos aos doentes e seus acompanhantes. Tivemos o cuidado de consultar a legislação existente sobre esta matéria, concluindo-se que no último ano a sua revisão e actualização, foi significativa tendo, nalguns casos, atingido um valor superior a 100%.

A recente portaria nº52/2004 de 1 de Julho, veio contemplar as situações mais carenciadas, acrescentando-lhe ainda um apoio complementar, podendo o doente e seu acompanhante receber, nalguns casos, uma diária de 55 €.

Na análise dos dados registou-se com agrado que a maioria dos doentes encaminhados, para fora da sua área de residência, teve direito a um ou a dois acompanhantes, conforme os casos.

É um facto que, sem dúvida, pesa no aumento das despesas, mas torna-se imprescindível em situações de maior gravidade.

Analisando o número de doentes que se deslocaram sem acompanhante, notou-se que os valores variam de Hospital para Hospital. O da Horta foi aquele que deslocou menos acompanhantes, naturalmente por ter sido o que encaminhou mais doentes na Região.

Lamentavelmente verificámos que não há qualquer referência aos doentes acompanhados por pessoas em regime de voluntariado. No entanto, sabe-se que são vários os doentes que recorrem às Associações de voluntariado da Região (Associação de Voluntários da Horta, Liga dos Amigos do Hospital de Ponta Delgada e Liga dos Amigos do Hospital de Angra do Heroísmo), solicitando o seu apoio nas saídas.

O medo de enfrentar uma cidade e um hospital desconhecidos, a consciência de que a doença não augura nada de bom e a incerteza de que se parte vivo, mas pode-se não regressar, apesar dos grandes avanços na ciência médica, cria no doente uma situação grave de angústia. A solicitação de um acompanhante voluntário, na hora da saída, é quase um pedido de socorro.

Ao lado do doente, o voluntário não escolhe doentes, nem dias, nem hospitais, nem condições climatéricas, ele age como um missionário, vai reforçando a esperança dos que muitas vezes já nem encontram razão para viver.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

Ao falar de doentes deslocados e das suas necessidades, bem como da importância do voluntariado junto daqueles, permitam-me que refira o papel que nesta problemática a L.A.H.A. tem vindo a desenvolver. Com 9 anos de existência, feitos no passado dia 27 de Agosto, esta I.P.S.S. tem procurado estar ao lado dos doentes açorianos que têm necessidade de se deslocar, sobretudo dos mais frágeis e nas horas mais angustiantes.

Consciente ainda das dificuldades por que passam os doentes, quando se vêm obrigados a sair das suas Ilhas à procura de melhor saúde, a Liga estabeleceu vários acordos com outras instituições locais e do Continente, bem como com o Governo Regional, que sempre tem entendido o esforço feito por aquela Instituição. Criou também espaços condignos para alojamento dos doentes, em Coimbra e na Terceira, intercedendo junto do Governo Regional no sentido deste adquirir um espaço em Lisboa para o mesmo fim.

Tendo em conta as elogiosas referências dos doentes que por lá têm passado, é de toda a justiça salientar o esforço que a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais desenvolveu no sentido da implementação do referido espaço se manter em funcionamento com eficácia, em ordem a satisfazer as necessidades dos doentes açorianos que a ele recorrem.

Para dar a V. Exas. uma ideia da acção da L.A.H.A. permita-se-me que refira os apoios concedidos a 900 casos referentes aos anos de 2000 a 2004.

Número de horas de voluntariado: 11 330

Dormidas em Coimbra na Casa Solidária: 5 842

Apoios em acompanhamento e encaminhamento pelos voluntários: 150

Apoio pecuniário com doentes deslocados e acompanhantes: €36 500

Com consultas e medicamentos: €3 350

Em equipamento doado ao Hospital de Angra: €56 000

É, pois, de toda a justiça lembrar aqui e agora o trabalho anónimo e desinteressado de tantos cidadãos voluntários desta Região, na área da saúde, como em tantas outras actividades solidárias, sempre com o apoio do Governo Regional.

É destas parcerias que resulta uma região mais humana, mais solidária e por conseguinte mais desenvolvida.

Senhor Presidente  
Senhores Deputados  
Senhores Membros do Governo

A finalizar permitam-me, V. Ex<sup>as</sup>, que cite um pensamento L'Abbé Pierre que dizia: “ A compaixão consiste em deixar entrar no próprio coração, o problema do outro e dizer-lhe: vou lutar contigo para resolver o teu problema, que se tornou também meu.”

Assim ao terminar a minha curta experiência nesta Casa, formulo votos para que nesta Assembleia todos possam actuar de conformidade com aquele espírito.

Horta, Sala das Sessões, 21 de Setembro de 2005

Deputada, Fernanda Trindade